

**Licínio Barbosa é advogado, professor titular da UFG e da UCG, presidente do Instituto Brasileiro de Ciências Penais, IBCP, membro efetivo do Instituto dos Advogados Brasileiros, IAB, da Société Internationale de Défense Sociale e da Association Internationale de Droit Pénal, de Paris.*

Os QUARENTA ANOS DA UFG

Licínio Barbosa*

Eu ainda me preparava, em 1959, em Anápolis, para enfrentar o vestibular de 1960, em Goiânia, quando uma notícia sensacional explodiu nas manchetes dos jornais e no noticiário das rádios. À época, a televisão ainda incipiente, na TV Tupi, do Rio de Janeiro, era uma perspectiva remota para Goiás.

Logo que iniciei o curso de Direito, no tradicional "Casarão da Rua Vinte", encontrei pairando no ar a legendaria atitude dos estudantes goianienses - os universitários de Direito à frente -, o "enterro simbólico de Dom Fernando", arcebispo de Goiânia, a quem se atribuía o golpe de mão, no Congresso Nacional, pela precedência do projeto de lei criando a Universidade de Goiás.

A estratégia era perfeita.

Goiânia, no final dos anos cinqüenta, era uma cidade provinciana, de aproximadamente 100 mil habitantes. Criada uma universidade - e o gesto era temerário -, dificilmente se criaria uma outra, tão cedo, mormente uma universidade federal, sempre carente de recursos dos cofres públicos.

Foi quando apareceu no proscênio daquele teatro de conflitos a figura olímpica de Colemar Natal e Silva. Ele já havia sido tudo em Goiás: Procurador-Geral do Estado, Procurador-Geral de Justiça, Catedrático de Ciências das Finanças.

Vice-Diretor da Faculdade Federal de Direito, se viu na contigência de assumir, naque-

le turbilhão, o comando da Faculdade de Direito, diante de repentina vacância do cargo, em face da renúncia de seu diretor.

Ao ascender à direção da Faculdade Federal de Direito, Colemar encampou a reivindicação máxima dos estudantes: a criação da Universidade Federal de Goiás. Para tanto, Colemar teve o apoio e a solidariedade de boa parte do quadro docente da Faculdade, e, também, a cooperação e o apoio de todos os estudantes e docentes das outras faculdades federais de Goiânia: o Conservatório de Música, a Escola de Belas Artes, a Faculdade de Engenharia, a Faculdade de Farmácia e Odontologia (mais tarde bipartida), a Faculdade de Medicina.

Foi uma luta titânica. Parecia algo inimaginável.

Goiânia acabara de ganhar uma universidade, integrando a cadeia de instituições confessionais de todo o País. Era uma utopia pretender, no ano seguinte, criar uma universidade federal. Mormente naquele período turbulento, em que duas intencionalidades haviam ameaçado as instituições: Jacareacanga e Aragarças, ambas oriundas da Força Aérea Brasileira.

E o presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira estava construindo, no Planalto Central, o sonho de todos os brasileiros, desde os Inconfidentes: a nova Capital do País.

Por tudo isso, poucos acreditavam na possibilidade de o Congresso Nacional aprovar, e o Presidente da República sancionar uma lei criando uma universidade federal para Goiás, sediada em Goiânia.

Mas o impossível aconteceu.

Colemar galvanizou todas as forças vivas da unidade federativa, reanimou as almas adormecidas, uniu as tendências anti-nômicas e inculcou um novo senso de vida alente nos corações.

O deputado Gérson de Castro Costa, da turma de 1946, da Faculdade Federal de Direito, apresentou o projeto que se transformaria na Lei N.º 3.834-C, de 14 de dezembro de 1960, criando duas universidades federais: a de Goiás, em Goiânia, e a de Santa Maria, no Rio Grande do Sul. Com isso, os gaúchos se uniram aos goianos na tramitação do projeto.

Criada a UFG, viria a batalha pela sua instalação.

Jânio Quadros, o novo Presidente da República, eleito por uma verdadeira avalanche de votos, a 3 de outubro de 1960, já dissera, em alto e bom som, que não instalaria a recém-criada universidade. Justificativa, a de sempre: carência de recursos do tesouro nacional. Sobretudo naquele momento, quando o País se endividara ainda mais para construir sua nova Capital.

Mais uma vez, a ousadia e criatividade de Colemar: convidou o Presidente Jânio Quadros para proferir a Aula Magna, na instalação da UFG. Professor do Colégio Dante Alighieri, em São Paulo, Jânio se sensibilizou com o gesto e aceitou o convite e, embora não podendo comparecer, enviou representante à solenidade.

Era o que Colemar almejava.

Estava, assim, criada e instalada a UFG.

O mais todos conhecem.

«Foi uma luta titânica. Parecia algo inimaginável. Poucos acreditavam na possibilidade de o Congresso Nacional aprovar, e o Presidente da República sancionar uma lei criando uma universidade federal para Goiás, sediada em Goiânia. Mas o impossível aconteceu.»

Licínio Barbosa

«Que lhe saibamos, pois, beijar sua bandeira!
E mais verbas, pelo menos por Gratidão!
E autonomia autêntica, pelo Respeito que o Saber exige!
E parabéns, e mais parabéns! Porque ela sempre os mereceu e merece.
Porque esquecimento, ingrato e injusto, dói demais!»
Jerônimo Geraldo de Queiroz

Mudança de governo ameaça a criação da UFG

Após vários esforços por parte do movimento estudantil e da Comissão Permanente para a Criação da Universidade do Brasil Central, finalmente a concretização do sonho estava próxima. Colemar Natal e Silva já havia demonstrado toda a sua emoção, dizendo que “ver e assistir ao grande Presidente Juscelino Kubitschek sancionar a lei da sacada do Palácio” representou uma das maiores alegrias de sua vida, quando surgiu um novo obstáculo. Após eleito, o presidente Jânio Quadros havia declarado à imprensa, no Aeroporto de Congonhas, São Paulo, que não instalaria as universidades recém-criadas porque considerava aquilo uma cortesia que Juscelino Kubitschek havia feito com “chapéu alheio”.

Os idealizadores da universidade federal tiveram então que correr contra o tempo. É que a instituição de ensino teria de ser instalada ainda no governo JK e, para que isso ocorresse, havia pouco mais de um mês. Colemar então partiu para novas e sucessivas providências para apres-

sar as medidas provisórias. Em poucas semanas, saíram 50 nomeações de professores para as cinco unidades que comporiam a UFG e feita a doação do Conservatório de Música ao Estado – condição essencial para o trâmite do processo. Os papéis da doação foram conduzidos pessoalmente por Colemar, do Rio de Janeiro para Brasília e de Brasília para o Rio de Janeiro, conforme exigiam as condições burocráticas.

Últimas providências

Tudo estaria bem se não faltasse uma última e importante providência a ser tomada: a eleição do primeiro Reitor, sem o qual a universidade não poderia ser instalada. Levantada a lista de indicação de nomes, esta deveria ser encaminhada ao Ministério da Educação, localizado no Rio de Janeiro. Ao ser lavrado o decreto de nomeação do Reitor, que seria o próprio Colemar Natal e Silva, os papéis foram levados a Brasília para serem assinados pelo Presidente da República. Quando a comissão chegou ao Palácio do Planalto, o presidente Juscelino Kubitschek estava de partida, naquele momento, no Aeroporto Militar, para o Rio de Janeiro. Do Palácio, Colemar, em companhia do assessor de Gabinete da Presidência, se dirigiu rapidamente ao aeroporto, onde conseguiu alcançar o presidente, que já se encaminhava para o avião. “Rindo de nós, ele assinou sobre a própria pasta de papéis que conduzíamos, o decreto de nomeação”, recordou Colemar Natal e Silva, durante seu discurso, proferido na cerimônia de instalação da UFG.

Assinado o decreto de nomeação do Reitor, ainda faltava um importante detalhe: a posse. O resultado é que Colemar Natal e Silva, não bastasse toda a correria daqueles dias, teve que voltar ao Rio de Janeiro no mesmo dia, já no cair da noite, para falar com o Ministro da Educação, Clóvis Salgado. Chegando lá, a secretária do ministro lhe informou que para lavrar o documento de posse, seria necessário obter a assinatura de

Clóvis Salgado. Tudo perfeito, se não fosse um detalhe: o ministro tinha acabado de se despedir dos funcionários porque assumiria, no dia seguinte, o cargo de Vice-Governador de Minas Gerais. A secretária, então, querendo ajudar Colemar, disse a ele que tentasse falar com o motorista do ex-ministro para que este o levasse até sua residência. O motorista disse a Colemar que a única coisa que poderia fazer seria soltá-lo no jardim da residência de Clóvis Salgado e, do resto, deveria ele tomar conta. O alerta era de que o ex-ministro estava bastante nervoso naquele dia.

Já passava das 23h do dia 30 de janeiro de 1961 - um dia apenas da posse de Jânio Quadros - quando, com toda a sua audácia, Colemar Natal e Silva se dirigiu à porta de frente da residência de Clóvis Salgado. “Numa audácia que, talvez hoje, não mais tivesse, toquei a campainha do alpendre”, comentou mais tarde o então Reitor. Segundo ele, logo a empregada foi chamar o ministro. Decorridos 15 minutos, Clóvis Salgado apareceu na sala, de pijama e com os cabelos desalinha-dos. Certamente ele já havia se recolhido para dormir. Colemar, então, se apressou a explicar sua situação e, com um semblante descontraído, o ministro disse ao rapaz que ele tinha “coragem demais, para não dizer atrevimento”. Apanhando os óculos, Clóvis Salgado assinou os papéis e recomendou que o documento estivesse em Brasília no dia seguinte. Finalmente, estava garantida a instalação da UFG.

